

FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA E PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: TEORIA E PRÁTICA

Initial Training of Portuguese Language Teachers and the Institutional Scholarship Program for Teaching Initiation: Theory and Practice

Elaine Cristina Prado dos Santos¹

Valéria Bussola Martins²

RESUMO

A formação inicial de professores é uma preocupação constante de toda nação que se preocupa com a construção de uma sociedade mais cidadã, empática e responsável. No Brasil, não seria diferente. Contudo, nem sempre os professores em formação passam por experiências motivadoras durante os Estágios que têm de cumprir para receber a licença para ministrar aulas na Educação Básica brasileira. De outro lado, surge o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) que, de maneira geral, oferta aos graduandos o desenvolvimento de habilidades e competências indispensáveis para qualquer professor. Este texto traz ao leitor uma experiência que une a formação inicial de professores e o PIBID (Subprojeto Português), que ocorreu entre os anos de 2022 e 2024. Objetiva-se, por meio do relato de uma das atividades pedagógicas aplicadas nas aulas de Língua Portuguesa, em uma escola pública de Educação Básica, elencar os benefícios para a formação docente atingidos com o PIBID. Dessa forma, descreve-se todo o percurso do licenciando ao longo do PIBID. Busca-se, ainda, oferecer informações relevantes sobre a relação do pibidiano com o ambiente da Educação Básica durante a experiência. Nas Considerações Finais, evidencia-se que o PIBID permite que os futuros professores desenvolvam a própria prática docente de uma maneira assertiva, decidindo suas ações com base em uma sabedoria prática e teórica, unindo o dia a dia a objetos de conhecimento indispensáveis ao alunado.

Palavras-chave: Formação de professores; Língua Portuguesa; PIBID; Prática docente.

¹ Doutora em Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, elainecristina.santos@mackenzie.br e <http://lattes.cnpq.br/4458112055578708>.

² Doutora em Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, valeria.martins@mackenzie.br e <http://lattes.cnpq.br/0431668948042658>.



ABSTRACT

The initial training of teachers is a constant concern for any nation that values the building of a more civic-minded, empathetic, and responsible society. In Brazil, it is no different. However, teacher trainees do not always have motivating experiences during the internships they must complete to receive the license to teach in Brazilian Basic Education. On the other hand, the Institutional Program of Teaching Initiation Scholarships (PIBID) emerges, which generally offers undergraduates the development of essential skills and competencies for any teacher. This text presents to the reader an experience that combines initial teacher training and PIBID (Portuguese Subproject), which took place between the years 2022 and 2024. The objective, through the account of one of the pedagogical activities applied in Portuguese Language classes in a public Basic Education school, is to highlight the benefits for teacher training achieved with PIBID. Thus, the entire journey of the trainee throughout PIBID is described. Additionally, it seeks to offer relevant information about the relationship between the PIBID participant and the Basic Education environment during the experience. In the Final Considerations, it is highlighted that PIBID allows future teachers to develop their own teaching practice assertively, making decisions based on practical and theoretical wisdom, bridging the day-to-day with essential knowledge objects for students.

Key-words: Teacher training; Portuguese Language; PIBID; Teaching practice.

Introdução

O jovem universitário que opta pela Licenciatura em Português tem o desejo de se tornar professor de Língua Portuguesa na Educação Básica brasileira. Lamentavelmente, contudo, até mesmo desde a escolha da graduação, são vários os estudantes submetidos a perguntas sobre sua decisão. “Por que ser professor?” e “Tem certeza de que quer passar o resto da vida fazendo isso?” são questionamentos habituais que importunam os futuros professores e dificultam as tentativas de ampliação do número de jovens que optam pela carreira docente.

Segundo dados do *Anuário Brasileiro da Educação Básica*, de 2021, organizado pela ONG Todos pela Educação e pela Editora Moderna, há falta de

docentes por toda a nação e, sem qualquer perspectiva de mudança próxima, provavelmente, a educação não conseguirá mudar essa situação.

Em dezembro de 2023, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), órgão vinculado ao Ministério da Educação (MEC), publicou um estudo que reafirma a carência de professores para a docência na Educação Básica em todo o Brasil, sendo as regiões Norte e Nordeste as com os índices de maior necessidade de docentes de componentes curriculares específicos (Bof; Caseiro; Mundim, 2023).

Ademais, há outra questão que, por vezes, dificulta o andamento da formação inicial de professores: maior ênfase em pressupostos teóricos que envolvem os assuntos língua e literatura, enquanto questões práticas do dia a dia docente - como didática e metodologia do ensino - são vistas como complementares. De acordo com Lajolo (1988, p. 01), tal cenário já atingia a Licenciatura em Letras desde os anos 1930.

[...] estes cursos criados nos anos trinta não tinham em comum apenas a designação de Letras, nem a amplidão dos objetivos que presidiram à sua criação. Eles aparentavam-se também - e o parentesco ainda persiste - pela configuração bipartida que assumia a forma de consecução de seus objetivos: confinavam a licenciatura (então chamada Licença Magistral) a umas tantas matérias cursadas fora do curso de Letras, e num ano que se somava aos anos dedicados às línguas e literaturas.

Não se nega aqui a importância do domínio dos objetos de conhecimento que envolvem a Língua Portuguesa e a Literatura. Evidentemente, são áreas cruciais para o docente que ministrará aulas de Português. Sem conhecimentos básicos, não é possível ministrar uma aula satisfatória, porém são igualmente imprescindíveis as disciplinas pedagógicas que têm como meta levar os licenciandos a refletirem na melhor forma de auxiliar seus alunos a construírem o conhecimento.

Ademais, há mais um significativo aspecto que interfere na formação docente no Brasil. Além das infelizes observações que vários licenciandos ouvem sobre sua escolha de carreira, há o Estágio Supervisionado Obrigatório. Em tese, este estágio teria como objetivo principal aproximar o licenciando da realidade escolar, habilitando-o para a docência na Educação Básica. Contudo, na prática, e por meio dos relatórios



que os alunos precisam entregar ao final do estágio, é possível constatar que inúmeros graduandos se frustram, profundamente, com o cotidiano pedagógico observado (Martins, 2014).

Durante os estágios, há licenciandos que relatam que algumas escolas de Educação Básica são extremamente desorganizadas. Quando os universitários as procuram para conseguirem as vagas, não são atendidos de forma adequada, respeitosa e satisfatória. Os estagiários chegam à instituição em que gostariam de fazer estágio e nela, rotineiramente, são mal orientados em relação a com quem devem falar e para onde devem ir. Andam de sala em sala, de prédio em prédio e são obrigados a ficar esperando por muito tempo. Ademais, além de muitos gestores não oferecerem vagas como deveriam, desrespeitando o processo de formação de novos professores, é recorrente os licenciandos terem grande dificuldade para encontrar os diretores nas escolas que administram (Martins, 2014).

Também são frequentes os relatos de que os gestores ficam pouco tempo nas escolas e que viajavam bastante, não deixando nenhum funcionário responsável por sua função. É indispensável encontrar um funcionário que possa assumir as funções de gestão durante a ausência do diretor. Uma instituição de Educação Básica não pode ficar sem gestor por vários dias.

Outra situação recorrente nos relatórios de estágio envolve a recusa dos diretores assinarem o Termo de Compromisso de Estágio (documento obrigatório e determinado pela Lei do Estágio no Brasil) com a informação de que não assinariam o documento, porque eles não o conheciam (Martins, 2014).

Nota-se, assim, que nem sempre o estágio ocorre da forma mais satisfatória possível. Há, contudo, desde 2008, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), conduzido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), visa, principalmente, à valorização do magistério. Com esse programa, os licenciandos têm a oportunidade de entenderem, por meio da prática, a realidade da profissão em que atuarão no futuro, além de receberem uma bolsa de R\$700 devido a aulas que ministram, semanalmente, em uma escola pública, selecionada pela instituição de Ensino Superior formadora.

Os pibidianos, como são chamados, são orientados por um professor da universidade (chamado de Coordenador de Área) que tem experiência na Educação Básica e que ministra aulas dos componentes curriculares pedagógicos nas licenciaturas. Esse docente-orientador da universidade oferece auxílio para a montagem das aulas e para a elaboração de materiais pedagógicos que serão usados na escola de Educação Básica. Além disso, um outro professor, da Educação Básica (nomeado de Supervisor) acompanha o pibidiano durante a aula ministrada, ou seja, os graduandos são acompanhados de perto do início ao fim do processo: no momento de preparação da aula, durante a aula e após à aula, quando autoavaliações sobre o que ocorreu satisfatoriamente ou não sempre ocorrem.

Este texto traz ao leitor uma experiência que une a formação inicial de professores e o PIBID (Subprojeto Português), que ocorreu entre os anos de 2022 e 2024. Objetiva-se, por meio do relato de uma das atividades pedagógicas aplicadas nas aulas de Língua Portuguesa, em uma escola de Educação Básica, elencar os benefícios para a formação docente atingidos com o PIBID. Dessa forma, descreve-se todo o percurso do licenciando ao longo do PIBID. Busca-se, ainda, oferecer informações relevantes sobre a relação do pibidiano com o ambiente da Educação Básica durante a experiência.

As autoras deste texto escolheram esta temática por considerar que é emergencial se alterarem as perspectivas da formação inicial de professores para que o caminho profissional dos professores passe a ser valorizado profundamente e cada vez mais jovens se sintam motivados a procurar a docência.

A rotina dos pibidianos

O PIBID é apresentado aos discentes da Licenciatura pelos professores da universidade. A partir do conhecimento do programa e do interesse por parte do aluno, a rotina do PIBID se inicia. Os alunos interessados conversam com o orientador do

PIBID para que as instruções sejam dadas. Há um processo imprescindível de cadastro na Plataforma Freire (sistema gerido pela CAPES) e assinatura de contrato, formalizando a relação do aluno com o programa.

Depois disso, os pibidianos são divididos em grupos e recebem as primeiras informações sobre a escola, horários, sala e objetos de conhecimento a ser trabalhados e habilidades a serem desenvolvidas nos alunos da Educação Básica. A partir daí, começa a ação dos alunos. É basilar que se tenha um planejamento e organização do grupo para que as obrigações sejam realizadas e cumpridas nos prazos estipulados. Dentre essas obrigações, pode-se destacar definir o dia que será reservado para a preparação das aulas, como e qual atividade será desenvolvida, separar o que cada um fará na aula ministrada e estabelecer os dias em que, por exemplo, serão feitas as cópias dos exercícios.

Com todos os itens acima definidos, os pibidianos devem começar a executá-los. Primeiro, analisar o tema da semana, estudar e pensar na aula. Após isso, de fato, criar a aula, usando materiais lúdicos e se atentando à estética. Da mesma forma, planejar as atividades que serão aplicadas após a exposição do conteúdo para os alunos da Educação Básica, sendo que as atividades devem ser interessantes e instigantes. Tudo isso é pensado pelos próprios pibidianos, com o auxílio do professor-orientador da instituição formadora (Coordenador de Área) e do professor responsável pela turma da Educação Básica (Supervisor do PIBID).

No dia da aula, é capital que tudo já esteja pronto e planejado. Os pibidianos vão até a escola no horário definido e têm, aproximadamente, 1 hora e 40 minutos para ministrar uma aula dupla e realizar os exercícios. Depois do término da aula, os pibidianos se reúnem em um espaço reservado na escola para que possam trocar experiências, planejar mais aulas e receber *feedback* do Supervisor e depois do Coordenador de Área. Após esse tempo, os graduandos são liberados.

Do mesmo modo, faz parte da rotina do pibidiano fazer todos os planos de aulas de todos os objetos de conhecimento ministrados. Além disso, é indispensável separar os arquivos dessas aulas e dos exercícios e elaborar um relatório final para que ao fim do projeto sejam enviados à CAPES pelo Coordenador de Área.



Destaca-se que falta de energia pode fazer parte da rotina dos pibidianos. A ideia do programa é que os alunos da Educação Básica tenham aulas mais dinâmicas, com o auxílio de recursos tecnológicos, contudo, imprevistos podem acontecer e, de fato, acontecem algumas vezes. A solução, então, deve ser pensada pelos pibidianos, de maneira rápida e eficiente. Sendo assim, no planejamento inicial também se leva em consideração possíveis problemas e soluções. Portanto, o PIBID oferece uma vasta autonomia aos graduandos. É nesse período que realmente os futuros professores trabalham e se familiarizam com as obrigações docentes e com os imprevistos que a rotina escola podem oferecer.

Criação e aplicação de uma atividade reflexiva

Em uma das semanas de planejamento conjunto entre pibidianos, Supervisora e Coordenadoras de Área (uma bolsista e outra voluntária), surgiu a necessidade de desenvolvimento de um trabalho com os Temas Contemporâneos Transversais pluralidade cultural, identidade e preconceito. A partir dessa demanda, houve a sugestão de se trabalhar com uma autora que não aparece de forma recorrente na mídia ou nos materiais didáticos para que os alunos da Educação Básica ampliassem o repertório de autores de obras literárias. Foi com esse viés que se definiu que seria elaborada uma sequência didática com o livro *Esse cabelo*, da autora angolana Djaimilia Pereira de Almeida. Todos os pibidianos ficaram motivados com o convite e aceitaram participar da proposta de trabalho. A partir do aceite de todos os graduandos, os licenciandos iniciaram a leitura do livro.

Com a leitura finalizada, novos encontros ocorreram e, coletivamente, surgiu a ideia de se trabalhar trechos da obra de Djaimilia com os alunos da Educação Básica. Durante esses encontros, foram selecionados 11 trechos que tratavam de questões extremamente assertivas para o desenvolvimento dos Temas Contemporâneos Transversais pluralidade cultural, identidade e preconceito. Evidentemente, contudo, os alunos do colégio, assim como os pibidianos, leriam a obra integralmente.

Em novos encontros, foram elaborados planos de aula que descreviam como a proposta poderia ser aplicada com os alunos da escola parceira no PIBID Subprojeto Português. Depois, foram preparados os *slides* das aulas e o material didático que seria entregue aos alunos da Educação Básica, durante o estudo da narrativa do livro *Esse cabelo*.

Ao final de toda a preparação, o material produzido (planos de aula, *slides* e exercícios) foi apresentado à Supervisora da Educação Básica, que aprovou todas as propostas, permitindo a aplicação no 9º. ano do Ensino Fundamental. Embora o foco do projeto fosse, inicialmente, o Ensino Médio, considerou-se possível o estudo em uma turma dos anos finais do Ensino Fundamental já que a própria BNCC solicita que os Temas Contemporâneos Transversais sejam desenvolvidos desde o início da Educação Básica, em prol da formação integral do alunado.

Na semana seguinte, então, os pibidianos iniciaram a aplicação da sequência didática, calcada na obra *Esse cabelo*, da autora angolana Djaimilia Pereira de Almeida. Os professores-pibidianos mostram a capa do livro aos estudantes da Educação Básica e perguntaram sobre o que eles achavam que o livro trataria.

Os alunos falaram livremente. Na sequência, foram convidados a fazer a leitura dos trechos selecionados do livro juntos com os pibidianos. Antes da leitura do primeiro trecho, os professores falaram sobre a protagonista: Mila. Explicaram que a narrativa do livro traz, em uma primeira análise, os problemas que Mila enfrentava com o cabelo crespo desde a infância.

Os pibidianos evidenciaram que, paralelamente à história de seu cabelo, a protagonista relembra trechos da saída de sua família de Luanda (Angola) para Lisboa (Portugal). O livro trata da questão étnica no que diz respeito à ascendência, busca de identidade e de raízes. Mila é neta de uma avó branca e de uma avó preta. Como ela foi pequena para Portugal, em alguns momentos, ela diz ter curiosidade sobre suas origens em Angola.

Na sequência, os professores entregaram os trechos previamente selecionados para os alunos. Foi iniciada a leitura das partes e uma das pibidianas perguntou aos discentes se eles haviam conseguido entender do que o trecho tratava:

A verdade é que a história do meu cabelo crespo ESBARRA na história de pelo menos dois países e, panoramicamente, a história indireta da relação entre vários continentes: uma questão geopolítica (Almeida, 2022, p. 09).

Depois de alguns educandos terem dito que o trecho parecia falar sobre o cabelo da protagonista, uma pibidiana explicou que a protagonista compara a história do seu cabelo à história de dois países (Angola, onde Mila nasceu, e Portugal, para onde Mila se mudou com sua família), evidenciando a “relação entre vários continentes”. Destacou, ainda, que é sabido hoje que o continente africano não tem boas lembranças do continente Europeu (principalmente quando se pensa em Portugal, que colonizou de forma violenta vários países). Nesse momento, curiosamente, um aluno falou que era por isso que “não devíamos ser paga pau de Portugal”. Na discussão, surgiram relatos de que os portugueses vieram para o Brasil, mataram índios, quiseram catequizá-los à força e roubaram riquezas de nossa terra. Foi a partir dessas trocas de ideias que foi possível pensar sobre a palavra GEOPOLÍTICA com eles: GEOGRAFIA + POLÍTICA.

Uma aluna perguntou se por uma questão geográfica, por estar mais perto, o continente africano sofreu mais do que os povos indígenas do Brasil. Explicou, ainda, que, para chegar aqui, tinham de atravessar o oceano, o que “dava um trabalhão”. Foi possível, nesse instante, levar os alunos a pensarem que quando os portugueses chegaram aqui, já havia uma língua nacional, mas que impuseram a Língua Portuguesa. Um dos pibidianos evidenciou que eliminar a língua de um povo é destruir sua identidade. Essa discussão inicial durou 30 minutos. Os pibidianos observaram que se em 6 linhas (trecho 1 lido) tantas questões podem ser trabalhadas, os alunos poderiam imaginar o que a leitura do livro todo não ofertaria ao leitor. Uma das pibidianas aproveitou a ocasião para falar para os alunos que resumos da internet podem trazer informações sobre os livros, mas que muito se perde ao não se ler um livro por inteiro.



Depois de finalizada a leitura do segundo trecho, os alunos perceberam que a narrativa evidenciava a questão de tentarem alisar até os cabelos crespos das crianças.

Sobra-me pouco mais do que o rosa-choque da embalagem de desfrisante Soft & Free, anunciando, na variedade infantil, crianças negras de cabelos lisos, risos, modelos de vida instantâneos. Publicidade enganosa, perceberia eu no dia seguinte. O tratamento, cuja química abrasiva obrigava ao uso de luvas, consistia, segundo me explicaram, em "abrir o cabelo", torná-lo mais maleável (Almeida, 2022, p. 20).

Uma pibidiana falou sobre a expressão "publicidade enganosa". Explicou que a natureza do cabelo não era lisa. O cabelo crescia e voltava à sua natureza que sempre deveria ter sido respeitada. Mostrou que cabelo crespo não é feio e que é apenas um tipo de cabelo. Foi possível, nesse momento, ver o sorriso no rosto de muitas garotas da turma.

Em prol de um padrão europeu, que predominantemente tem cabelo liso, o mundo todo brigou por anos para alisar os cabelos. A "química abrasiva" alterava a estrutura do fio de uma criança. Um aluno evidenciou que era por isso que apareceriam as luvas no trecho. Se era preciso usar luvas, pode usar no couro cabeludo?

A reflexão trouxe a constatação de que, por anos, homens e mulheres acreditaram (e talvez acreditem até hoje) que eles só seriam considerados bonitos se tivessem cabelo liso. A sociedade maltrata os cabelos e fere, dessa forma, as almas das pessoas. Esse momento foi muito frutífero, porque os adolescentes podem ser muito maldosos nas chamadas brincadeiras ou piadinhas. Os pibidianos mostraram aos alunos que "zoar" (termo muito usado durante essa primeira aula) o cabelo do amigo é muito mais do que "zoar" o cabelo. É machucar, ofender. Posteriormente, partiu-se para o trecho seguinte:

O amor ao supérfluo ajuda a entender o que somos. Regresso aqui revendo a única flor que alguma vez encontrei em São Gens: uma rosa artificial comida pelo sol. Satisfeitas as condições básicas de sobrevivência, porém, a entrega ao supérfluo distingue a nossa humanidade. A rosa artificial contrasta com o meu fascínio pelas varandas exacerbadamente verdes de Lisboa. O espetáculo exibido nas varandas é um privilégio da cidadania das suas proprietárias (Almeida, 2022, p. 31).



Esse trecho foi rico, durante a aula, logo no primeiro instante pela palavra SUPÉRFLUO. Um aluno disse que achava que a palavra correta era “supérfulo”. Os pibidianos explicaram que algumas pessoas falam “supérfulo”, mas que, na norma padrão da Língua Portuguesa, a grafia era como a mostrada no trecho em estudo. Depois, pensaram coletivamente no conceito de que se trata daquilo que não é necessário.

Desenvolveu-se um diálogo sobre a autora mostrar que amar o que é supérfluo mostra quem somos. A protagonista explica que viu no bairro São Gens uma flor artificial queimada pelo sol e, depois, ela fala do contraste com as varandas verdes de Lisboa (com plantas naturais). A protagonista adoraria ter plantas naturais, mas tal posse demanda dinheiro.

Uma das pibidianas perguntou aos alunos se eles já pararam para pensar como ter planta em casa é caro no Brasil. Complementou, também, que, além de ser caro para comprar, tem de regar e que nem todos os lugares têm água em abundância. Entre usar a água para fazer arroz e feijão e regar uma planta, o que as pessoas têm necessidade de escolher? Os alunos da Educação Básica, compreenderam que ter plantas, ter uma varanda linda é privilégio e que há um número considerável de pessoas pelo mundo que não têm esse privilégio e que amar o supérfluo não é possível. Partiu-se para a leitura do próximo trecho em estudo:

A custódia partilhada do meu cabelo exprime uma condição humana que as nossas birras de adultos tentam escamotear. Talvez eu deva dizer que é assim desde que somos pequenos. A vida se parece com a sustentação contínua de um interregno de passividade, durante o qual nos fazemos gente [...] numa conjugação solidária à qual apenas nos cabe assentir (Almeida, 2022, p. 38).

Uma das pibidianas perguntou aos alunos se eles sabiam o que é era custódia. Eles não sabiam. Então, a graduanda explicou que significava proteção, guarda e levou-os a compreender que é como se as pessoas quisessem “mandar” no cabelo do outro. Os estudantes refletiram sobre como sofrem meninos e meninas com cabelos crespos, sendo que na própria turma havia estudantes com cabelos crespos.

Era uma “condição humana” ter de ficar aguentando inúmeras pessoas querendo mudar a natureza do cabelo dos outros. Pior: era um interregno (intervalo



entre dois reinados) de passividade. A família quer mandar no cabelo das crianças (reinado 1). Mas por quê? Porque a sociedade quer mandar no cabelo das crianças que tem cabelo crespo (reinado 2). Entre a família (reinado 1) e a sociedade (reinado 2), a criança sofre passiva. Reclamar de tal situação nem adiantava: “apenas nos cabe assentir”.

Um aluno do 9º. ano lembrou que, no BBB nos últimos anos, muitos participantes com cabelos crespos já disseram, inclusive, que estão cansados de ter de explicar a importância do cabelo para as pessoas pretas. Surgiu, durante essa fala, que o cantor sertanejo Rodolfo (um dos participantes do *reality show*) tirou sarro do cabelo crespo do professor João (outro participante do *reality show*) ao comparar o cabelo de João ao cabelo sujo e desganhado dos homens das cavernas. Na sequência, um pibidiano partiu para a leitura do próximo trecho em estudo:

Quando o cabelo era para mim uma insignificância, tínhamos um bando de vândalos que roubavam mochilas, relógios e tênis aos miúdos à saída da escola (Almeida, 2022, p. 41).

Os pibidianos trabalharam com a questão de que as pessoas estavam mais preocupadas com o cabelo dela do que com a violência das ruas que roubavam as mochilas, os relógios e os tênis das crianças no horário da saída da escola. É frutífero relatar que uma aluna questionou a grafia da palavra “tênis”. Uma das pibidianas explicou, então, que, embora tenhamos passado em 2009 pela reforma ortográfica, em Portugal, muitas vezes, ainda usam a grafia anterior. Por isso, no trecho, temos TÊNIS e não TÊNIS como se escreve no Brasil.

Outro pibidiano destacou essa questão de grafias diferentes nos jogos *on-line* e que, nos últimos anos, convencionou-se usar a dublagem e legendagem com o português do Brasil. O graduando contou também que na internet é possível encontrar comentários dos portugueses claramente bravos com essa prática já que para eles “não é português de verdade”.

Uma outra pibidiana também lembrou de uma matéria que tinha acabado de ter lido sobre os portugueses reclamarem da exibição da série *The Last of Us*, na HBO, após se depararem com legendas em português do Brasil. A série não tem legendas em português de Portugal, mesmo em Portugal. A pibidiana lembrou, ainda, que



Luccas Neto, YouTuber brasileiro que produz conteúdo para o público infantil, envolveu-se em uma polêmica em Portugal devido ao fato de seus vídeos passarem a circular pelo país europeu também. Algumas crianças portuguesas, depois de terem assistido aos vídeos de Luccas Neto e terem gostado do que viram, passaram a usar expressões brasileiras no cotidiano, o que tem feito muitos pais ficarem indignados e reclamarem nas mídias sociais sobre a tentativa de eliminar o português de Portugal. Partiu-se para a leitura de novo trecho:

A natureza providenciava até então um jeito qualquer que eu domava com ganchos, ou então usava o cabelo curto. [...] O cabelo curto, explicara-me, moldava-se [...] para que ficasse “redondinho” (Almeida, 2022, p. 44).

Pibidianos e alunos da Educação Básica refletiram sobre o papel da natureza na vida de Mila. Os graduandos explicaram que a natureza fazia o seu papel (dava para a protagonista um cabelo) e a menina “domava” com acessórios ou usava o cabelo curto. Refletiu-se sobre a quantidade de meninos que ficam carecas desde pequenos por causa dos cabelos crespos, por ser mais fácil de lidar com o cabelo curto ou com o couro cabeludo careca. As meninas, por sua vez, prendiam os cabelos crespos e daí eles ficavam menos volumosos e mais “redondinhos”. Iniciou-se, na sequência, o estudo do último trecho em estudo no dia:

A infância reservou-me uma série de Carnavais. Vejo-me em 1988 de bandotele emplumada e colete castanho de franjas, mascarada de índia, graças não a qualquer escolha ou inclinação da pequena Mila, mas à circunstância (que diz muito sobre a vida) de ser a única máscara disponível (Almeida, 2022, p. 58).

A temática em estudo passou à questão da escassez e do termo “índia”. Uma das pibidianas falou sobre o termo índio não ser mais usado no Brasil, mas sim “indígena” e evidenciou que ser indígena não é fantasia. As pessoas não deveriam se fantasiar de indígena no Carnaval, por exemplo. Além dessa questão sobre o vocábulo “índia”, foi imprescindível evidenciar que Mila (a protagonista), muitas vezes, não tinha escolha. Esse trecho é rico, porque mostra que a menina se mascarou de “índia” para uma festa da escola, pois aquela era a única máscara disponível. A aula foi finalizada e os graduandos explicaram aos alunos da Educação Básica que a atividade de leitura e elaboração de caminhos interpretativos continuaria na semana seguinte.



Na aula 2 da sequência didática, ocorreu a leitura coletiva e as reflexões com mais 4 trechos do livro *Esse cabelo*, de Djaimilia Pereira de Almeida.

Foi com minha mãe que aprendi a amarrar lenços à cabeça, como fiz aos oito anos, de memória e sem nunca o ter experimentado, num dia em que me mascarei de africana para uma festa da escola (Almeida, 2022, p. 78).

Além da basilar questão que envolve o costume africano de usar lenços na cabeça, sendo o lenço muito mais do que um mero acessório estético, foi imprescindível evidenciar que Mila (a protagonista) conta que se mascarou de africana para uma festa da escola. Entretanto, a protagonista nasceu em Angola. Portanto, ela é africana. Porém, perdeu parte de sua essência ao deixar Angola e se mudar para Portugal.

Foi solicitado que os alunos do 9º. ano pensassem em um preconceito que existe muito na capital de São Paulo. Reclamam dos coreanos, dos chineses e dos japoneses que vêm para o Brasil e se comunicam na língua deles. A língua é a identidade que carregam. É, frequentemente, o pouco que sobra da origem deles. Ficou evidenciado, dessa forma, que empatia é indispensável na vida em sociedade e que tudo tem de ser observado por múltiplos olhares. Julgar os outros, sem conhecer suas histórias de vida e suas origens, é, no mínimo, desumano. Passou-se à leitura do próximo trecho em estudo:

Num português mal-amanhado, perguntara-me ao telefone dias antes como queria o cabelo, e eu corraera à Drogaria São Domingos, em Lisboa, onde uma equipa de portugueses típicos aconselhavam como verdadeiros especialistas senhoras e raparigas africanas sobre os melhores produtos para os seus cabelos (Almeida, 2022, p. 81).

Os alunos do 9º. ano perguntaram o que significava o vocábulo “mal-amanhado”. Depois de trocas de ideias, a turma chegou à palavra “improvisado. Outra aluna perguntou sobre o termo “equipa”. Um pibidiano explicou que significava o mesmo que equipe, do português brasileiro, e pediu para os discentes da Educação Básica dizerem o que significava “senhoras” e “raparigas” no trecho lido. Os estudantes responderam, rapidamente, que significavam mulheres adultas e moças, respectivamente.



Na sequência, desenvolveu-se uma discussão sobre o seguinte questionamento: os portugueses tinham habilidade para falar o que era melhor para o cabelo das mulheres e moças africanas? Eles tinham vivências pessoais com cabelos crespos? Era para eles falarem o que era melhor para o cabelo delas? Resumindo, eles queriam “mandar” nos cabelos crespos. “Mandar” foi o termo usado pelos alunos da Educação Básica para representar a imposição estética europeia que envolvia os cabelos crespos das africanas. A aula teve continuidade com a leitura de novo trecho:

Numa fotografia, o meu penteado de noiva. Foi obra do Roberto, um cabeleireiro brasileiro que me acudira na recepção de um salão depois de uma rapariga de cabelo lilás me informar de que ali não se tratava de cabelos como o meu (Almeida, 2022, p. 83).

Esse relato sensibilizou bastante os alunos, já que a protagonista passara mais uma vez por uma situação triste em relação ao seu tipo de cabelo. Todavia, os estudantes disseram que o cabeleireiro só poderia ser brasileiro, porque ele “foi bem legal” com a noiva e se preocupou com ela. Brasileiro, normalmente, é mais empático. Brasileiro, frequentemente, encontra saídas e são criativos. Houve o encaminhamento para a leitura para o último trecho em estudo.

Costuma dizer-se que tudo tem um significado, mas tal é uma forma do pavor humano de conviver com a injustiça. É mesquinho que precisemos de aprender que não existe justiça, mesquinho no sentido de ser qualquer coisa proporcional à nossa condição minoritária se nos compararmos com a grandiosidade da escola do mundo à nossa volta (Almeida, 2022, p. 90).

A reflexão inicial, a partir da leitura desse trecho, deu-se por meio da frase “tudo tem um significado”, frase que ouvimos, com certa frequência, principalmente, quando passamos por alguma dificuldade ou acontecimento ruim. Muitas vezes, a impressão que se tem é de que proferem essa frase sem pensar, apenas para justificar o que pode não ter justificativa, sentido.

Nem tudo tem significado. Parece que falam isso para as pessoas para justificar algo ruim que tenha acontecido. A partir dessas constatações, os pibidianos levantaram o questionamento se a justiça deveria existir. Os alunos do 9º. ano, instantaneamente, responderam que sim. Os graduandos questionaram se a justiça sempre existe. Os estudantes da Educação Básica responderam que não.



Partiu-se, ainda, para um momento de sensibilização a partir da qual os discentes foram levados a compreender que a situação das pessoas por todo o mundo é desproporcional se pararmos, inclusive, para pensar no tamanho do mundo. Nem sempre há justiça nesse mundo tão vasto. Nem sempre as pessoas são expostas às mesmas condições. Nem sempre as pessoas recebem as mesmas oportunidades de vida.

Durante a pandemia, por exemplo, alguns médicos tiveram de escolher qual paciente usaria os respiradores porque não havia equipamento para todos os indivíduos internados. Debateu-se em sala: Isso é justo? É justo um paciente passar por isso? É justo o médico ter de escolher? Evidentemente, que os estudantes do 9º. ano disseram que não é justo. Contudo, a discussão levou-os a compreender que, embora a situação seja lastimável, a vida não para e junto dela as pessoas não podem parar. Elas têm de levantar a cabeça e seguir e assim Mila viveu seus dias, um após o outro.

A aula 2 foi finalizada e os pibidianos explicaram aos alunos da Educação Básica que a atividade sobre o livro *Esse Cabelo* continuaria na semana seguinte, com mais aproximações entre o que a protagonista passava e a realidade vivenciada por pessoas no Brasil.

No início da aula 3, os licenciandos solicitaram que os alunos da Educação Básica retomassem as reflexões das duas aulas anteriores. Os estudantes do 9º. ano falaram livremente sobre as descobertas realizadas a partir do livro *Esse Cabelo*, da autora angolana Djaimilia Pereira de Almeida. Na sequência, um dos pibidianos solicitou aos estudantes que pensassem se no Brasil as pessoas passam por situações semelhantes às narradas pela protagonista Mila. Surgiram inúmeros relatos de familiares que sofreram preconceito por terem cabelos crespos. Também foi recorrente o fato de os alunos do 9º. ano ofertarem como exemplos casos de famosos que foram vítimas de preconceito, pela cor da pele ou pelo tipo de cabelo.

A continuidade da proposta se efetivou por meio de duas falas selecionadas anteriormente pelos pibidianos. A primeira fala é do ator preto Babu Santana, famoso por interpretar o cantor Tim Maia no filme que narrou a trajetória de um dos ícones da

música brasileira. Segue a fala que foi trabalhada com os estudantes: “Antigamente, você não podia ter cabelo comprido porque era ligado à sujeira, uma coisa feia, subversiva. Quando você pega o pente e abre o black, o black é a coroa e o pente a libertação” (IstoÉ, 2020, *online*).

A fala foi proferida, ainda dentro do *reality show*, depois que Babu foi alvo de uma piada de Ivy, outra participante do BBB 2020. A *sister* (como as mulheres participantes são chamadas), ao ver Babu penteando o cabelo com o tradicional pente africano, disse: “Quem que penteia o cabelo com um trem desse?”. Instantaneamente, a modelo foi acusada, em diversas mídias sociais, de preconceito racial e foi iniciado um movimento pela expulsão de Ivy do programa. A expulsão não aconteceu. Rafa Kalimann, outra participante do BBB 2020, perguntou ao Babu o significado do pente e o ator, muito didaticamente, explicou a ela a relevância do pente.

Os alunos do 9º. ano acharam muito significativa a história do *black* representar uma coroa e uma libertação. Trazer essa fala de Babu também foi profundamente válida para a proposta da aula, porque se fala bastante do cabelo crespo para as meninas e mulheres, mas, frequentemente, esquece-se de cuidar também dessa questão com os meninos.

Depois, partiu-se para a leitura, compreensão e interpretação de uma fala da cantora *pop* Iza, no programa Saia Justa, do canal GNT. Segue a frase: “Dizem que alisar o cabelo é mais fácil para o dia a dia. Isso é mentira. Cabelo liso naturalmente pode ser mais fácil, mas alisado dá trabalho e faz com que você de tempos em tempos tenha de ir ao salão refazer procedimentos com produtos tóxicos e fortes” (Canal GNT, 2019, *online*).

Os alunos do 9º. ano compreenderam a importância de uma cantora, como Iza, referência para meninas e mulheres pretas, falar sobre as dificuldades pelas quais já passou com o seu cabelo e pelas experiências de não se achar bonita diversas vezes. Pensando que os estudantes da Educação Básica estão na adolescência, a proposta foi imensamente significativa para todos, já que é comum os alunos dizerem que se acham feios na adolescência.

Por fim, como ao longo da narrativa de Mila aparece por diversas vezes lenços e possibilidades de penteados, foi exibido o vídeo “O que é apropriação cultural?”, do criador de conteúdo Santiago Spartakus, publicado em 2019, no seu canal do YouTube (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QdNRuLC1I3w>).

No vídeo, Spartakus disserta sobre cultura e apropriação cultural. O criador de conteúdo evidencia que a cultura está sempre ligada à expressão da identidade de um grupo, com base no livro *Tecendo redes antirracistas: Áfricas, Brasis, Portugal*, dos autores Anderson Oliva, Marjorie Marona, Renísia Filice e Wanderson Nascimento, de 2019.

Os pibidianos levaram os estudantes da Educação Básica a refletir sobre o que faz uma mulher preta de lenço (turbante) na cabeça ser considerada feia e uma mulher branca de lenço (turbante) na cabeça ser considerada estilosa, *fashion*. O que leva hoje um sambista branco fazer mais sucesso do que um sambista preto? Os alunos do 9º. ano ficaram muito atentos às informações presentes no vídeo de Spartakus.

A reflexão levou todos a compreenderem, ainda, que os povos europeus interpretaram o processo de colonização como conquista e progresso, enquanto os povos colonizados sofreram, viram pessoas morrerem e acompanharam o roubo de suas riquezas territoriais, culturais e intelectuais. A aula foi finalizada e os graduandos explicaram aos alunos da Educação Básica que a atividade sobre o livro *Esse Cabelo* continuaria na semana seguinte, com uma proposta de produção de texto.

No início da aula 4, os alunos foram convidados a pensar em um recomeço para Mila: se você pudesse reescrever o final da narrativa do livro *Esse cabelo*, de Djaimilia Pereira de Almeida, como você gostaria que o livro terminasse? Como Mila estaria? Um dos pibidianos perguntou aos estudantes: será que ela deixaria um conselho para os leitores? Após ouvir algumas possibilidades criadas pelos educandos, eles foram convidados a produzir um texto que manifestasse esses caminhos para a protagonista Mila.

Os professores-pibidianos auxiliaram no momento da produção textual sempre que os discentes solicitaram ajuda. A ideia era que os alunos escrevessem um

pequeno trecho para fechamento do livro depois de terem entrado em contato com a vida da protagonista.

Por fim, na aula 5, os alunos do 9º. ano foram convidados a transformar em história em quadrinhos as reflexões realizadas nas últimas quatro aulas. Depois de ter aparecido nas produções narrativas dos alunos, a protagonista Mila, agora, foi transportada para produções imagéticas dos discentes. Os professores auxiliaram no momento da produção artística sempre que os discentes solicitaram ajuda.

Resultados e considerações finais

A pesquisa acadêmica e a reflexão sobre as práticas docentes devem ser encaradas como um exercício primordial no dia a dia de todos os professores. É por meio delas que o educador pode enriquecer a sua prática.

No cotidiano realizam-se ações de diferentes tipos. Na observação de uma prática pedagógica é importante prestar atenção a esta diversidade. Em geral, tende-se a supervalorizar o verbal e é importante ampliar o campo de observação para que se possa apreender as possíveis contradições entre o proclamado e o vivido no cotidiano escolar (Oliveira; André, 1997, p. 80).

Na realidade, a formação de professores deve ser um processo permanente, cotidiano e infindável (Freire, 1996). O educador deve transformar-se em um incansável investigador e a reflexão e a pesquisa em um exercício constante. Todo professor deveria se transformar em um novo docente a cada nova turma:

A realização de estudos e pesquisas sobre o cotidiano da escola de primeiro e segundo graus, utilizando diferentes enfoques teóricos, tem sido considerada uma forma rica de conhecimento da prática escolar e seus resultados têm oferecido importante contribuição para o movimento de revisão crítica e redimensionamento da Didática (André, 1992, p. 55).

A partir dessas constatações, o professor pode decidir sua ação com base em uma sabedoria prática e teórica, unindo o seu dia a dia a pressupostos teóricos plausíveis. O PIBID permite essa aproximação entre teoria e prática docente. Por isso, é capital que:



[...] sejam estimuladas as iniciativas dos pesquisadores da área de educação no sentido da aproximação, do reconhecimento, da valorização e da incorporação dos saberes docentes, principalmente dos saberes da experiência. [...]. Quanto às atividades de formação continuada oferecidas pela universidade ou outras agências, nelas os professores muitas vezes são tratados como se não tivessem um saber, têm que partir do zero, como se não tivessem ao longo de sua profissão construído um saber, principalmente um saber da experiência, que tem de entrar em confronto e interlocução com os saberes academicamente produzidos (Oliveira; André, 1997, p. 83-4).

A experiência aqui descrita, que envolve o PIBID (Subprojeto Português) propiciou a união entre teoria e prática, valorizou o saber dos discentes, respeitou as experiências docentes, construiu coletivamente caminhos interpretativos e levou à criação de uma proposta didático-metodológica para as aulas de Língua Portuguesa na Educação Básica.

As experiências vividas pelos professores em seus processos de formação - quer inicial quer continuada - interferem nos seus saberes pedagógicos e também nos seus saberes de experiência, fazendo-os apoiar ou refutar teorias e práticas. A complexidade das situações de ensino e de aprendizagem nos espaços formativos corrobora para que esses sujeitos elejam determinadas referências para seu fazer pedagógico (Farias, 2009, p. 145).

No caso específico da atividade que envolveu os trabalhos com o livro *Esse Cabelo*, da escritora angolana Djaimilia Pereira de Almeida, durante as aulas de Língua Portuguesa do 9º. ano do Ensino Fundamental, após a leitura de vários trechos da narrativa e finalizadas as propostas pedagógicas executadas pelos estudantes da escola, foi possível observar que tanto os membros integrantes do PIBID (Subprojeto Português) quanto as Coordenadoras de Área (a bolsista e a voluntária), a Supervisora da Educação Básica e os educandos do colégio desenvolveram habilidades fundamentais para suas vivências com a nossa língua materna.

No caso dos pibidianos, inicialmente, houve um benefício para a formação docente inicial já que eles construíram uma sequência didática cuja temática central é a literatura africana, que nem sempre é abordada com constância nos materiais didáticos da Educação Básica, principalmente no Ensino Fundamental. Ademais, compreenderam profundamente a importância dos estudos teóricos e a preparação cuidadosa de uma proposta pedagógica (no caso, de leitura, compreensão, interpretação e produção textual) para que as aulas acontecessem da forma mais didática possível.



As Coordenadoras de Área e a Supervisora da Educação Básica uniram forças em prol de um trabalho fecundo para seus alunos. Aliás, esta é a proposta eterna dos documentos que determinam no Brasil como a formação docente inicial deve transcorrer: por meio do elo forte entre instituições formadoras e escolas de Educação Básica. Com a experiência, foram beneficiadas as Coordenadoras de Área, professoras da universidade, que puderam vivenciar a dinâmica real de uma escola pública (conhecimento que aprimora o seu currículo e auxilia na formação dos próximos alunos da educadora) e construíram conhecimento também a Supervisora da Educação Básica que, ao mesmo tempo que contribuiu com sua experiência, pôde entrar em contato com obras das literaturas africanas recém-publicadas.

Por fim, é gratificante falar sobre os resultados obtidos com a aplicação das propostas elaboradas. Inicialmente, é básico evidenciar que os alunos do 9º. ano aprimoraram suas habilidades de leitura. Nesse sentido, considera-se que:

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar ou buscar criar a compreensão do lido, daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação. E a experiência da compreensão será tão mais profunda quanto sejam nela capazes de associar, jamais dicotomizar, os conceitos emergentes na experiência escolar aos que resultam do mundo da cotidianidade (Freire, 2021, p. 58-9).

Por meio dos textos produzidos pelos alunos, pôde-se observar que eles elaboraram as narrativas a partir de seus desejos pessoais e de suas vivências: uns mais sonhadores (criando um mundo com menos preconceito e respeito às etnias) e outros mais realistas (descrevendo como a sociedade atual ainda é muito preconceituosa e implacável). Além disso, foi possível constatar que os educandos:

- aproximaram os relatos de Mila às ocorrências de preconceito e racismo que ocorrem diariamente no Brasil;
- avaliaram a importância da autoestima na vida das pessoas;
- compreenderam que o hábito de ler é individual e que pode promover múltiplas interpretações;

- conceberam, durante a sequência didática, um ambiente de aprendizagem colaborativa;
- constataram que a empatia entre os povos é uma conduta positiva para todo o mundo;
- construíram posicionamento diante de falas ou ações racistas e preconceituosas;
- desenvolveram habilidades de expressão oral ao se manifestarem durante as leituras compartilhadas da obra de Djaimilia;
- entenderam que a leitura pode ser influenciada pelo contexto do cotidiano e pelas experiências de vida do leitor;
- estabeleceram relação entre a época e o contexto social em que ocorreram as histórias narradas por Mila;
- identificaram a relevância de uma leitura cuidadosa e prévia da obra em estudo antes da escrita dos textos;
- refletiram sobre as grafias diferentes de um mesmo termo, percebendo que as diferenças não dificultaram, de forma geral, a compreensão do todo e
- sensibilizaram-se em relação à questão dos aspectos identitários de um povo que passa a viver em outra nação.

Na prática, os benefícios foram muitos e amplos. Os caminhos interpretativos traçados, a criação do texto literário (com um possível fechamento da história de Mila) e a ilustração produzida com o objetivo de reescrever a obra resumidamente só trouxeram frutos.

A leitura e a escrita do texto literário operam em um mundo feito essencialmente de palavras e, por essa razão, uma integração mais profunda com o universo da linguagem se torna necessária. Ler e escrever literatura é uma experiência de imersão, um desligamento do mundo para recriá-lo ou, antes, uma incorporação do texto semelhante ao ato de se alimentar [...] (Zilberman; Rösing, 2009, p. 68).

E por que não alcançar a formação de um sujeito mais crítico com a leitura e com a literatura africana? Foi o que fez a proposta pedagógica relatada. Além de a leitura ter ocorrido de forma cuidadosa e eficaz, a atividade gerou envolvimento e um aprendizado significativo por parte dos alunos.

Os educandos apropriaram-se das leituras, refletiram sobre a obra, sobre a autora, sobre o contexto em que ela fora produzida. Trouxeram traços de suas vidas pessoais para o trabalho escolar. A meta era formar leitores com a competência de interagir com a literatura e de articular contextos de acordo com seus gostos pessoais e com sua comunidade.

Entretanto, o mais surpreendente foi perceber que a proposta conseguiu mostrar a riqueza que existe no ato de ler. Utilizando as palavras de Chartier (2007, *online*), o fundamental, ao longo do processo, foi “incentivar a relação dos alunos com um patrimônio cultural cujos textos servem de base para pensar a relação consigo mesmo, com os outros e o mundo”.

A proposta com o livro *Esse Cabelo* valorizou a leitura crítica, propiciou o diálogo e a reflexão constantes entre alunos e alunos, alunos e professor e professor e professor - relações básicas e inerentes ao processo de ensino-aprendizagem.

Embora o cenário educacional, às vezes, não pareça o mais propício para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, não há como negar a importância do papel, consciente, do educador, que, movido por sentimentos e posturas, aliados à constante busca pela formação o mais ideal possível de seus educandos, pode conseguir resultados muito satisfatórios junto aos seus alunos, o que, em verdade, deveria ser sua constante luta já que esta é a sua função.

Referências

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. *Esse Cabelo*. São Paulo: Todavia, 2022.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *A contribuição do estudo de caso etnográfico para a reconstrução da didática*. Tese de livre-docência. São Paulo: USP, 1992.

BOF, Alvana Maria; CASEIRO, Luiz Zalaf; MUNDIM, Fabiano Cavalcanti. Carência de professores na educação básica: risco de apagão? *Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais*. v. 9, 2023. Disponível em: <https://cadernosdeestudos.inep.gov.br/ojs3/index.php/cadernos/article/view/5967>. Acesso em: 25 fev. 2024.

CANAL GNT. Como fazer as pazes com o espelho e ser generosa com você. *Saia Justa*. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5vKi-134Fg4&t=7s>. Acesso em: 06 fev. 2024.

CAPES. *Pibid*: Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/editais-e-selecoes>. Acesso em: 17 mai. 2024.

CHARTIER, Roger. Entrevista: Os livros resistirão às tecnologias digitais. In: *Nova Escola*, São Paulo, n. 204, ago. 2007. Acesso em 15 jan. 2024.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de [et al.]. *Didática e docência: aprendendo a profissão*. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2009 (Série formar).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 41. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar*. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

LAJOLO, Marisa. No jardim das Letras, o pomo da discórdia. *Boletim 3/4 ALBS*, Rio Grande do Sul, p. 10-27, 1988.



ISTO É GENTE. *Babu explica pente no cabelo às sisters: “empoderamento black”*. 08/04/2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/bbb-20-babu-explica-pente-no-cabelo-as-sisters-empoderamento-black/>. Acesso em: 07 mar. 2024.

OLIVEIRA, Maria Rita Sales; ANDRÉ, Marli Eliza de Afonso. *Alternativas no ensino de Didática*. Campinas: Papirus, 1997.

MARTINS, Valéria Bussola. *A utilização de redes sociais na formação docente*. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

SPARTAKUS, Santiago. *O que é apropriação cultural?* 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QdNRuLC1I3w>. Acesso em: 07 mar. 2024.

TODOS PELA EDUCAÇÃO; MODERNA. *Anuário Brasileiro da Educação Básica 2021*. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/anuario-da-educacao/>. Acesso em: 23 jan. 2024.

ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. *Escola e leitura: velha crise*. Novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

